



“Pequena Flor”: um olhar sobre o feminino na poesia lírica de Cecília Meireles

Juliana Primi*

Resumo: Uma das expressões máximas da poesia de língua portuguesa, a obra de Cecília Meireles nos mostra uma mulher de alma rara e delicada. Semelhante à “pequena flor” do poema que faz parte de *Vaga Música*, publicado em 1942, ela também “recebeu uma chuva enorme” - metáfora das perdas que ocorreram em sua vida - e, mesmo assim, preservou o perfume da poesia que dormia na “seda frágil”. Diante do lirismo fluente dos versos cecilianos, analiso a sensibilidade feminina em “Pequena Flor”, discorrendo um olhar sobre a fragilidade, que aqui se relaciona à angústia existencial presente no coração e sobre o mistério da existência, que se mescla ao mistério da própria criação poética.

Abstract: Cecília Meireles is a woman with a rare and delicate soul. As the “pequena flor” (“small flower”) of her poem, part of her book *Vaga Música*, published in 1942, Cecília Meireles also received “uma chuva enorme” (“pouring rain”) – a metaphor for the losses that she suffered in life – and preserved the perfume of her poetry. I analyze the feminine sensitivity in “Pequena Flor”, while taking a look at fragility in its relation to existential anguish and at the mystery of existence, which is related to the mystery of poetic creation itself.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Poesia lírica; Feminino

Keywords: Brazilian Literature; Poetry; Feminine

PEQUENA FLOR¹

Como pequena flor que recebeu uma chuva enorme
e se esforça por sustentar o oscilante cristal das gotas
na seda frágil e preservar o perfume que aí dorme,

e vê passarem as leves borboletas livremente,
e ouve cantarem os pássaros acordados sem angústia,
e o sol claro do dia as claras estátuas beijando sente,

e espera que se desprenda o excessivo, úmido orvalho
pousado, trêmulo, e sabe que talvez o vento
a libertasse, porém a desprenderia do galho,

e nesse temor e esperança aguarda o mistério transida
- assim repleto de acasos e todo coberto de lágrimas
há um coração nas lânguidas tardes que envolvem a vida.

* Juliana Primi é Mestre em Literatura Brasileira pela USP, com a dissertação “Mulheres de Machado. Condição feminina nos romances da primeira fase de Machado de Assis”.

¹ MEIRELES, Cecília. *Viagem & Vaga Música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 131.

A leitura que faço de “Pequena Flor”, embora breve, define-se menos como uma análise e mais como um instante de contemplação, em que olho, escuto e dobro meus sentidos diante da força mágica da palavra que reverbera na poesia de Cecília Meireles, mulher de alma rara e delicada.

Nascida em novembro de 1901, ela estréia com *Espectros* em 1919, ao qual se seguem *Nunca mais.. e Poemas dos poemas* (1923) e *Baladas para el-rei* (1925). Somente depois destes que vêm *Viagem* (1939) e *Vaga Música* (1942). No ano de lançamento, *Viagem* ganhou o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras e, nas palavras de Marisa Lajolo (2006, p.8), a poeta seguiu tecendo sua vasta e variada obra, sempre caprichosa e sempre fiel a seus primeiros livros, que já mergulham o leitor em clima de espanto maravilhado e inquirição serena face aos mistérios da existência humana.

Vaga Música chega como um tecido harmônico de sons, já anunciado no título, para que o leitor mergulhe na suave musicalidade da obra, onde se repetem *canções, cançõezinhas, cantigas, embalos* e semelhantes palavras tomadas de empréstimo do universo da música.

O canto é a possibilidade do vôo, apesar da desintegração e do caos da existência imperfeita e limitada no tempo. Cantar é ascender, levantar-se, transcender. A poesia é a forma máxima de transcendência e a suprema reinvenção da realidade. A música, o aroma, a estrela, a chama e a flor do espírito eternizam a obra poética e seu criador.

Em “Pequena Flor”, Cecília nos mostra seu traço lírico feminino, sua poesia essencial, sua busca constante de respostas aos porquês e ao destino da viagem sem prazo certo que todos neste planeta empreendemos².

A poeta “recebeu uma chuva enorme”, metáfora das perdas em sua vida, desde a morte precoce dos pais, dos irmãos Carlos, Vítor e Carmen, e da avó que a criou, D. Maria Jacinta, até a morte do primeiro marido, Fernando Correia Dias, em 19 de novembro de 1935, em circunstâncias trágicas, que transformaria sua visão de mundo.

Em carta³ aos amigos Diogo de Macedo, Manuel Mendes, Luís de Montalvor, José Osório de Oliveira e Raquel Bastos, a poeta diz:

Faço esta carta-circular porque não tenho força para escrever a cada um isoladamente. Levei um mês sem dormir nem comer. Sustentada por palavras e remédios. E sem nenhum interesse pela vida. Fazer o quê, depois disto? Nem amar vale nada, então? Os amigos daqui dizem-me coisas: que é preciso viver, que eu tenho as crianças, que tenho a arte... A arte! Que importa! As crianças... – ah, não se é nada, em nenhum destino, nem no nosso. Se fôssemos, o

² GOUVÊA, Leila. A capitania poética de Cecília Meireles. *Revista Cult*, ano V, 2001, p. 43.

³ SARAIVA, Arnaldo. Uma carta inédita de Cecília Meireles sobre o suicídio do marido Correia Dias (06-01-1936). Porto. In: *Revista Terceira Margem*, 1998, p. 6.

Fernando não faria o que fez. Porque eu levei 13 anos sobre essa tragédia, tentando dominá-la e dando-me, dando-me, dando-me infinitamente, sob todas as formas, num sacrifício contínuo a um destino que estava sempre adivinhando. Que adiantou? Que a fatalidade a retardasse? Nem isso. Tudo está previsto, fixo e há um ritmo inexorável. E quando penso na minha presciência de tudo que de grave se suspende em redor de mim e dos que amo; quando reflecto na resignação com que espero o que está para acontecer; e no desprendimento em que vivo perante a certeza dos meus insucessos, - pergunto, que teria feito de mim, neste momento, se a minha formação não fosse esta, uma vez que tudo isso não impediu o quase total desmoronamento da minha vida. [...] (SARAIVA, 1998, p. 6).

Em seu momento de desabafo, podemos compreender a sensação de impotência perante a “fatalidade”, e das dificuldades que antevia com três filhas para criar. Sua indignidade associava-se à trágica revolta contra o destino: “tenho uma infinita pena de mim; da minha infantilidade; da minha inocência” (MEIRELES apud SARAIVA, 1998, p. 5).

O sucesso da bonita, inteligente e sensível mulher junto aos portugueses foi tão notório quanto o apagamento do marido, que às vezes, se via ignorado em um canto dos salões nos quais Cecília centralmente brilhava.

Apesar desta “chuva enorme” (que contrasta com a “pequena flor”), ela tentou e conseguiu preservar o perfume da poesia que dormia “na seda frágil”. Já nos primeiros versos, o campo da experiência sensível e o campo da poética se cruzam.

De acordo com Ana Maria Lisboa de Mello⁴, a concepção do Uno indestrutível, contrapondo-se ao aniquilamento dos entes no mundo físico, expressa-se, na poesia de Cecília Meireles, através de pares simbólicos opostos e, como tal, complementares, os quais transmitem a noção de que essa Realidade Absoluta passa por períodos cíclicos de manifestação e desaparecimento, representados pelos dualismos: água-mar/areia; noite/dia; céu/terra. A esses pares, subordinam-se outros elementos tais como âncora, concha, vento, corais etc., que formam as sintaxes simbólicas que delineiam a visão de mundo que vai sendo expressa.

A simbologia da água é freqüente em sua obra e mostra a idéia de que a Vida se origina de um estado pré-formal, de onde emanam todas as formas de vida que, cumprindo um prazo no cosmo, retornam ao indiferenciado. A morte⁵ é vista como libertação dos “enredos terrenos” e, portanto, não significa a extinção do ser humano, mas uma outra condição de “vida”, um outro modo de ser.

Em “Pequena Flor”, a poeta utiliza as palavras de forma que o leitor mais atento perceba a polaridade do “eu” x “outro”, ou seja, da Vida x Divino: há várias metáforas como

⁴ MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Oriente e Ocidente na Poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006, p. 38.

⁵ Idem, p. 40.

“chuva”, “gotas”, “úmido”, “lágrimas”, ligadas à “água” em oposição ao “vento”, símbolo de Deus, no universo ceciliano. A apresentação em forma de símbolos mostra um aspecto sensível de interiorização: o desejo de converter sua imanência em transcendência.

A fragilidade da mulher se relaciona à angústia existencial presente no coração “todo coberto de lágrimas” como o “úmido orvalho” na pele da flor, aprisionada no galho em oposição às leves e livres borboletas e aos “pássaros acordados sem angústia”:

e vê passarem as leves borboletas livremente,
e ouve cantarem os pássaros acordados sem angústia,
e o sol claro do dia as claras estátuas beijando sente,
e espera que se desprenda o excessivo, úmido orvalho
pousado, trêmulo, e sabe que talvez o vento
a libertasse, porém a desprenderia do galho,
(MEIRELES, 2006, p. 131).

A conjunção “porém” aparece como uma advertência, como um sintoma de alteração no poema (“porém a desprenderia do galho”). É a condição do eu lírico aprisionado ao medo do futuro misterioso, mesmo que o vento o libertasse.

Entre o temor do sofrimento e da morte e a esperança da libertação, da vida, “a flor aguarda o mistério transida”, o mistério da existência se mescla ao mistério da própria criação poética, pois a comparação iniciada no primeiro verso só se completa nos dois últimos, onde se revela a existência de um “coração” que é capaz de re-cordar (do latim, *cor*, cordis), no sentido de trazer “de novo ao coração”:

e nesse temor e esperança aguarda o mistério transida
- assim repleto de acasos e todo coberto de lágrimas
há um coração nas lânguidas tardes que envolvem a vida.
(MEIRELES, 2006, p. 132)

O sujeito lírico não se apresenta diretamente, o que contribui para intensificar a fusão entre “flor” e “coração”, irmanados no mesmo estado afetivo. Se o coração existe identificado à transida flor, esmorecida de frio, dor e susto, torna-se possível a “re-cordação”.

Diante disso, basta lembrar os magistras versos de Quintana e concordar com o poeta:

E seus poemas eram, de repente, como uma prece jamais ouvida
que nossos lábios recitavam – ó temerosa delícia!
como se, numa língua desconhecida,
sem querer, falassem
da brevidade
e da
eternidade de vida...
Nem tudo estará perdido
enquanto nossos lábios não esquecerem teu nome: Cecília...
(QUINTANA apud MELLO, 2006, p. 5)

Referências

- CUNHA, Helena Parente. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- GOUVÊA, Leila. A capitania poética de Cecília Meireles. *Revista Cult*, ano V, 2001.
- _____. Cecília Meireles e a Crítica. In: *Mulher e Literatura: Literatura e Crítica Feminista*, Niterói, v. 2, 1999.
- MEIRELES, Cecília. *Viagem & Vaga Música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de; UTÉZA, Francis. *Oriente e Ocidente na Poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.
- SARAIVA, Arnaldo. Uma carta inédita de Cecília Meireles sobre o suicídio do marido Correia Dias (06-01-1936). Porto. In: *Revista Terceira Margem*, 1998.